The background is a dark blue field with several abstract line graphs. A blue line with circular nodes is at the top, a red line with circular nodes is on the right, an orange line with circular nodes is in the middle, a red line with circular nodes is at the bottom left, and a green line with circular nodes is at the bottom right. In the center, there is a white rectangular area with a dashed black border containing the title text.

**GUIA METODOLÓGICO
PARA MAPAS CRÍTICOS
E PARTICIPATIVOS**

Equipe do Projeto

Coordenação: Jéssica Cerqueira Santos e Wellington de Oliveira Fernandes

Produção Executiva: Jéssica Cerqueira dos Santos

Formações: Felipe Garcia Passos, Jéssica Cerqueira dos Santos, Marcelo Nunes Pacheco, Regina Araújo de Almeida e Wellington de Oliveira Fernandes

Audiovisual: Thais Cerqueira dos Santos

Articuladores: Diego Rocha de Souza, Khemily Cristiny P. dos Santos e Mateus Branco.

Participantes das Oficinas: Carlos Daniel C. Almeida, Dener Richard B. Gomes, Eleny Tauany Branco Vilela, Franciele da Silva Ribeiro, Gabriely Costa, Jennifer do Carmo, Kheyly Cristina P. dos Santos, Roselaine Alves Pereira, Ryan de Lima Araújo, Wallace da Silva Lopes e Willian da Silva Lopes.

O que é o Quebradamaps?

É um projeto de formação de agentes de Mapeamento Participativo e Crítico, que busca promover o empoderamento cartográfico em parceria com escolas públicas, utilizando de metodologias que favoreçam a criatividade, sejam participativas e colaborativas.

Saiba mais

www.quebradamaps.wordpress.com

Guia Metodológico para mapas críticos e participativos

Autoria: Wellington de Oliveira Fernandes

Revisão: Felipe Garcia Passos e Jéssica Cerqueira dos Santos

Diagramação: Jéssica Cerqueira dos Santos

São Paulo (SP), 2017



Licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 4.0 Internacional

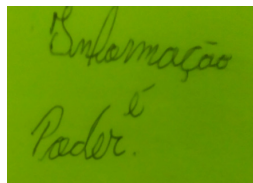
Este guia resume a formação promovida pelo Quebradas Maps em 2017 na favela do Sapé (São Paulo), onde apresenta as propostas da série de oficinas e as impressões de seus participantes.

PORQUE O GUIA METODOLÓGICO?

Na política, na economia e na cultura, o mapa tem um lugar central em nossa sociedade. Mais antigo que a escrita, ele expressa discursos e ideias que decidiram guerras, consolidaram estados nacionais e silenciaram povos e suas culturas. Por tudo isso, sim, os mapas são instrumento de poder.

Tamanha potencialidade não pode ficar na mão de poucos, por isso, sobretudo nas últimas décadas, a linguagem cartográfica tem se popularizado e ganhado outras abordagens e propósitos.

Este guia aparece nesse contexto e pretende fomentar a leitura crítica dos mapas, assim como, a produção de outros discursos cartográficos, democráticos e coletivos, através da promoção de técnicas de mapeamento participativo.



CARTOGRAFIA CRÍTICA E PARTICIPATIVA

Para nós, a Cartografia denominada crítica, pode ser inspirada no que diz Fraser Taylor (1992), esta é uma cartografia que diverge da perspectiva defendida pela epistemologia da ciência positivista, estando enraizada na teoria social. Nesse sentido, conforme Brian Harley (1989), os mapas nunca serão neutros, mas terão discursos fundamentados por um ponto de vista.

Compreender esta ausência de neutralidade nos mapas e sua funcionalidade enquanto instrumento de poder é imprescindível para aquele que pretende se apropriar da linguagem cartográfica para revelar a Geografia de seu povo. Assim, além de observar com criticidade, também é necessário promover outros discursos cartográficos, e de encontro à isso está a promoção de metodologias participativas de mapeamento que sejam cada vez mais popularizadas com a profusão de técnicas para produção coletiva e criativa de cartografias.

COMO FALAR E FAZER TUDO ISSO?

A partir das discussões que iniciamos em nossa dissertação de mestrado (Fernandes, 2017) e em artigo anterior (Fernandes, 2016), elaboramos a seguir algumas técnicas de como promover, na teórica e na prática, mapas críticos e participativos.

PROBLEMATIZAÇÃO



Os vetores em um mapa podem ser representados por ponto, linha ou polígono

PROPOSTA: QUAL A MENTIRA NESTE MAPA?

Objetivo: Identificar as características do discurso presente nos mapas a partir de representações de uma região da cidade;

Materiais: Croqui (mapa) turístico da cidade ou Croqui (mapa) de anúncio empreendimento imobiliário;

Comentário: Verificar caracteres que demonstram as “mentiras” ou “opiniões” no mapa em questão (Monmonier, 1996). Observar também: distorções de informação; os “silêncios” a determinados lugares; a seleção de algum plano de informação ou a simplificação e deslocamento de outra (Harley, 1990). O mapa turístico ou o mapa publicitário são exemplos em que essas características podem ser notadas facilmente, afinal, o objetivo é ‘vender’ e, para isso, é expresso uma história única e harmônica sobre a cidade.

PROPOSTA: CIDADANIA CARTOGRÁFICA

Objetivo: Discutir a relevância política dos mapas.

Materiais: Episódio Correio da série Cidade dos Homens;

Comentário: A ausência de ruas da favela no mapa impedia que os seus moradores fossem atendidos pelo serviço dos Correios. A polêmica leva adolescentes a construírem um mapa da favela. A partir deste enredo é possível discutir igualdade de direitos na sociedade e a possibilidade de cidadania que é mediada pela representação nos mapas.

POLÍGONOS
SÃO TAMBÉM
PONTOS DE VISTA

COMO FALAR E FAZER TUDO ISSO?

PROBLEMATIZAÇÃO

PROPOSTA: OUTROS MAPAS

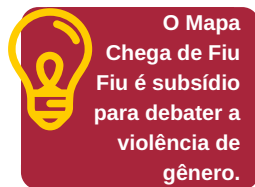
Objetivo: mostrar iniciativas que utilizam metodologias participativas para construção de discursos cartográficos não hegemônicos;

Materiais: download dos fascículos Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA), Guia Cultural de Favelas do Rio e Mapa Chega de Fiu Fiu ;

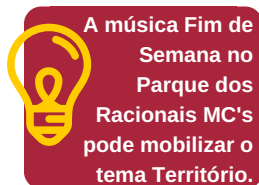
Comentário: É importante retomar o contexto de cada uma dessas iniciativas de mapeamento para então demonstrar resultados práticos de mapas não hegemônicos. Os fascículos do PNCSA são um exemplo para problematizar a espacialização de identidades dos grupos sociais marginalizados, assim como o Guia Cultural de Favelas, já o chega de fiu fiu, é um ótimo exemplo do mapa como ferramenta de protesto, pois apresenta denúncias de assédio em um mapa colaborativo.

Para acessar:

<http://chegadefiufiu.com.br/>
<http://www.novacartografiasocial.com/>
<http://guiaculturaldefavelas.org.br/>



DESSENDANDO O TERRITÓRIO ATRAVÉS DOS MAPAS

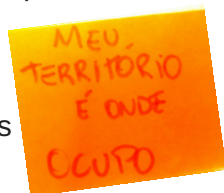


Claude Raffestin(1993) diz que a territorialidade expressa o poder das relações sociais. O mapas participativo é estratégico para representar a identidade coletiva. A seguir, técnicas e possibilidades para tal.

PROPOSTA: MAPA FALADO

Objetivos: apresentar a técnica de mapa falado e utilizá-la como alternativa para o refletir sobre as referências espaciais do grupo;

Materiais: objetos comuns à escola e à sala de aula, barbante e blocos auto-adesivos (para nomear os locais mapeados);



COMO FALAR E FAZER TUDO ISSO?

DESVENDANDO O TERRITÓRIO ATRAVÉS DOS MAPAS



Montar instalação artística com os papéis que construíram o mapa falado.

Comentário: o diagrama (mapa falado) deverá ser o mediador de conversa com o grupo mapeador. Neste caso é interessante sugerir um tema que faça referência à identidade territorial do grupo. Exemplos simples são: “meu bairro”, “minha quebrada”, “minha cidade” etc. Faria e Neto (2006) e Passinato (2013), apontam alguns pressupostos:



Valorize os nomes de lugares cotidianos “grota”, “escadão”, “caminhozinho”

- O mapa deve estar visível a todos, por isso deve ser colocado sobre uma mesa ou mesmo o chão;

- É importante que o mapeamento comece a partir de um ponto que todos conheçam, podendo ser a própria escola;
- Os objetos usados na representação devem ser móveis, pois o grupo pode mudar sua posição;
- O mediador não deve interferir na representação.

PROPOSTA: UM GUIA MULTIMÍDIA PARA SUA QUEBRADA

Objetivo: construir mapa multimídia;

Materiais: à internet e plataforma Google My Maps;

Comentário: No My Maps é possível digitalizar os resultados de um mapa falado ou propor um mapeamento a partir da observação da base cartográfica disponibilizada pelo Google (ruas ou satélite). Uma opção é dividir a informação em várias camadas temáticas ou classificá-las por atributos (descrições) criadas pelo usuário. Também podem ser inseridas fotos e vídeos sobre os lugares mapeados.



O mapa falado pode ser subsídio para o mapa multimídia.



No My Maps, as informações podem ser representadas em ponto, linha ou polígono, o que pode ser um momento interessante de explicar na prática o conceito de escala.

COMO FALAR E FAZER TUDO ISSO?

DESVENDANDO O TERRITÓRIO ATRAVÉS DOS MAPAS

PROPOSTA: MUDANDO UMA BASE CARTOGRÁFICA

Objetivo: colaborar com uma plataforma de mapeamento livre;

Materiais: acesso à internet e plataforma Open Street Map (OSM);

Comentário: utilizar plataformas de código aberto ou de acesso gratuito aos dados pode promover resultados não hegemônicos, principalmente para lugares não mapeados em outras bases cartográficas. As ferramentas colaborativas de mapeamento livre são alternativas para as bases cartográficas do Estado e a bases que pertençam a grandes empresas. Apesar do acesso depender da conexão à internet, é uma possibilidade de custo reduzido e de resultado material rápido, pois as contribuições feitas são incorporadas na base colaborativa assim que liberadas pelo mediador.

TRABALHO DE CAMPO

O campo é fundamental para ampliar o horizonte na produção de mapas participativos e críticos do território discutido. O grupo pode coletar informações tanto por meio da observação, quanto ouvindo as pessoas que compõem aquele território.

PROPOSTA: PAISAGEM

Objetivo: observar e coletar de registros da paisagem;

Materiais: câmeras e celulares;

Comentário: essa atividade permite muitas organizações e propostas, tanto pelo tema, como pela opção metodológica.

O campo pode ser uma saída fotográfica ou, extrapolando a paisagem visual, registrar sons e até cheiros para relatar a paisagem.

Essas informações podem ser organizadas em um mapa multimídia.



O UMaps é uma alternativa ao My Maps, com uma base OpenStreetMap.



Utilize o App My Maps no celular e aproveite para falar sobre GPS e coordenadas.

EU APRENDI
QUE TRABALHO
DE CAMPO É
ZIKA! 🦋

COMO FALAR E FAZER TUDO ISSO?

TRABALHO DE CAMPO

PROPOSTA: OUVINDO O TERRITÓRIO

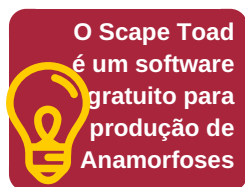
Objetivo: obter uma cartografia da comunidade;

Materiais: imagem de satélite ou planta de ruas impressa (se possível em A0), canetas, marca texto várias cores, adesivos e suporte para mapa;

Comentário: essa atividade tem uma primeira dificuldade, no pré-campo, o custo da impressão colorida. Superado esse problema é possível usar o QGis ou o Google Earth para gerar o mapa com a imagem de satélite. Em campo, é possível utilizar da imagem para um mapeamento da territorialidade como também explorar algum assunto, como: memórias, sonhos, o que gosto e não gosto, dentre outras ideias. Utilize os adesivos para mapear sobre a imagem de satélite, os marca-textos para diferenciar temas e a sua criatividade para pensar os conteúdos.

MEU CADERNO DE MAPAS

Outra possibilidade é pensar um caderno de mapas com temas que fortaleçam debates que envolvem o território . Apesar de requerer mais tempo e preparo técnico, hoje qualquer pessoa que tenha vencido as primeiras barreiras da técnica pode elaborar um mapa temático usando programas gratuitos. O QGis é um Sistema de Informação Geográfica (SIGs) gratuitos e de código aberto, traduzido para o português, conta com uma série de tutoriais on-line e permite trabalhar com a maioria dos tipos de dados cartográficos.



Outro software gratuito é o PhilCartho, com a algoritmos que facilitam a definição de classes temáticas é exclusivo para a produção de mapas temáticos.

Já o Google Fusion Table é uma possibilidade para quem prefere trabalhar na web. Gratuito e muito simples, permite a junção de KMLs com dados em tabela.

ANTES DE TERMINAR



Mapa participativo sobre planta de ruas



Digitalização (georreferenciamento) do mapeamento participativo sobre planta de ruas no My Maps



Mapa participativo sobre planta de ruas em campo



Coletando coordenada geográfica no app My Maps em smartphone em campo

ANTES DE TERMINAR



Mapa Falado - A Inajar do Limão ao Elisa Maria (ZN - SP)



Mapa Falado - Do Sapé ao Jaqueline (ZO - SP)



Mapa Falado - Itaim, Nazaré e Lajeado (ZL - SP)

ANTES DE TERMINAR

Enquanto os leões não contarem suas histórias, os contos de caça glorificarão sempre os caçadores (provérbio 'africano')

Promover uma cartografia crítica está na preocupação de produzirmos novos conteúdos, a partir de novos autores e considerando outras epistemologias para a representação (Fernandes, 2017), esta guia é pautado por esta reflexão.

A expectativa é que este guia possa ser mais um instrumento de popularização e democratização da linguagem cartográfica, tanto na escola como em outros espaços de mobilização, fomentando assim a promoção de mais versões dos leões para as representações cartográficas.

O território
do Quebrada
Mapa.

me proteger
e bravar do
mapa

ADMIRAR O
PROCESSO DE
APRENDIZADO

Compartilhar
informações!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FARIA, A.; NETO, P. Ferramentas do diálogo: qualificando o uso das técnicas do DRP: diagnósticorural participativo. Brasília: MMA; IEB, 2006
- FERNANDES, W. - Cartografia Crítica na escola – Subsídios para prática – Goiânia: IX Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares – 4 a 7 de outubro de 2016;
- FERNANDES, W. - Mapas: Entre narrativas pela dominação e dissertativas pela contestação. – São Paulo: FFLCH-USP, 2017 (Dissertação de Mestrado);
- HARLEY, Brian – Mapas, saber e poder – Confins. Revista franco - brasileira de geografia – nº5 - 2009
- HARLEY, J. Cartography, Ethics and Social Theory. Cartographica The International Journal for Geographic Information and Geovisualization, v. 27, n. 2, p. 1–23, 1990
- HARLEY, J. Deconstructing of map. Cartographica The International Journal for Geographic Information and Geovisualization1, p. 1–20, 1989.
- MONMONIER, Mark - How to Lie With Maps, 2d ed.. University of Chicago Press, 1996
- PASINATO, Raquel. Planejamento territorial participativo: relato de experiências em comunidades quilombolas do Vale do Ribeira – SP – São Paulo: Instituto Socioambiental, 2012.
- RAFFESTIN, Claude – Por uma Geografia do Poder – São Paulo: Editora Ática, 1993;
- TAYLOR, Fraser – Uma base conceitual para a Cartografia: Novas direções para a era da informação – São Paulo: Caderno de textos Série Palestras ano1 nº1, 1992;

Realização



UEBRADA MAPS

Com apoio

VAI TEC

Programa de valorização
de Iniciativas Tecnológicas

ADESAMPA

Agência São Paulo de
Desenvolvimento



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**

TRABALHO E
EMPREENDEDORISMO